



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração das novas instalações do Campus Porto da
Universidade Federal de Pelotas**

Pelotas-RS, 21 de outubro de 2010

Vocês... Vocês estão alegres aí porque vocês não estão sentindo o vento que eu estou sentindo aqui no pescoço, viu!

Olha, primeiro dizer para vocês da minha alegria de poder estar aqui, inaugurando mais um pedaço de alguma coisa numa universidade brasileira e, sobretudo, na Universidade Federal de Pelotas.

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro Antônio Cesar Gonçalves Borges, nosso magnífico reitor da Universidade Federal, e cumprimentando ele eu cumprimento todos os reitores aqui presentes,

Quero cumprimentar os professores, os diretores, as professoras, os alunos, as alunas, os servidores públicos,

O meu companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

O nosso querido companheiro deputado federal Fernando Marroni,

O nosso companheiro Prefeito de Pelotas,

O companheiro Milton Rodrigues Martins, presidente da Câmara,

O nosso querido companheiro, recém-eleito vice-governador, Beto Grill,

O Tarso Genro não pôde vir aqui porque ele esteve comigo em Rio Grande, mas a companheira Dilma está indo a Porto Alegre agora, ele achou melhor ir recebê-la do que ficar comigo, porque ele está pensando no futuro e eu sou o passado, então... (risos)

Quero cumprimentar o querido companheiro Jonas, coordenador-geral do DCE da Universidade Federal,

Quero cumprimentar o nosso querido Paulo Maestro... O companheiro Paulo Medeiros, maestro da banda da Escola Municipal Ferreira Viana,



Quero cumprimentar os companheiros prefeitos aqui presentes. Tem o Prefeito de Canguçu, o Prefeito de Pedro Osório, o Prefeito de Santa Vitória do Palmar, o Prefeito de Jaguarão, o Prefeito de Capão do Leão, o Prefeito de Arroio Grande, o Prefeito de [São] Lourenço do Sul e o Prefeito de Candiota. Devia ter vindo aqui o Prefeito de Chuí, o prefeito de tantas outras pessoas que estão aqui, na Universidade Aberta. Aqui, aqui tem muita gente da Universidade Aberta.

Eu queria pedir permissão para vocês para sair deste púlpito aqui e poder vir aqui para o meio. Olhem, eu queria dizer para vocês que a geração de vocês vai poder contar histórias que a minha geração não pôde contar. Porque houve um tempo, neste país, em que entrar em uma universidade, primeiro, era um privilégio que a gente já sabia quando nascia uma criança, a gente já sabia se ela era uma pessoa que iria chegar à universidade ou não. Aliás, a gente já sabia se ela ia fazer pós-graduação em Paris, em Londres, em Harvard ou onde mais ela quisesse fazer. E a gente também já sabia que tinha uma parcela da sociedade que para chegar à universidade tinha que ralar muito e uma outra parcela que não ia chegar nunca, a não ser que fosse por um milagre. Ou seja, não era destino de uns saberem mais, poderem mais, e outros não poderem nada. Era uma definição de concepção de Estado que era criada neste país. A gente não pode esquecer que até a Constituição de 1823 só podia votar neste país quem tinha no mínimo 150 hectares de terra, alqueires de terra, na verdade. A gente não pode esquecer que até a Constituição de [19]34 mulher não votava. A gente não pode esquecer que a primeira mulher que conseguiu direito de voto foi na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, na Justiça.

Então, a gente tem que lembrar das dificuldades que eram criadas neste país para que um jovem tivesse ascensão. Eu vou dar um exemplo: uma coisa que nós ficamos muito felizes é quando houve a universalização do ensino



fundamental. Foi uma coisa importante no governo passado, universalização. Só que quando as pessoas criaram a universalização, elas não perceberem que depois do ensino fundamental o jovem precisava continuar estudando, e aí o segundo grau era uma dificuldade enorme porque muitas cidades não tinham o segundo grau e as pessoas, depois do segundo grau, não tinham acesso à universidade. O mundo era dividido assim: tinha aqueles que podiam estudar em escolas boas quando o ensino era fundamental e até o segundo grau, escolas bem pagas, escolas de um alto nível educacional, e tinha a maioria dos pobres que era obrigada a estudar em escola pública. Quando chegava ao ensino universitário, ou seja, era um rico que tinha podido estudar em uma escola boa, que ia para a universidade grátis, e o pobre, que não tinha estudado em uma escola boa é que tinha que pagar a universidade para estudar. Ou seja, era o pior dos mundos.

Possivelmente, eu não falo isso, para fazer apologia de não ter o diploma universitário, mas, possivelmente, por não ter um diploma universitário é que eu enxergo a educação com uma visão que algumas pessoas que foram doutores e que governaram este país não tiveram.

A primeira coisa que nós criamos no governo... A primeira coisa que nós criamos no governo foi um conceito, um conceito para que todos os ministros e todos os funcionários ligados ao governo parassem de utilizar a palavra “gasto” quando se tratava de dinheiro para a Educação. Era tentar mudar o conceito, porque você emprestava dinheiro para empresário, era investimento – mesmo que ele não pagasse – era investimento. Você pagava dívida dos agricultores, dos grandes também, era investimento, mas quando você tratava de pagar salário de funcionário ou por dinheiro na Educação era gasto. E aí, se a gente não definir no orçamento da União o que a gente vai fazer com cada coisa, a gente termina dando dinheiro para quem não precisa e deixando com necessidade as pessoas que precisam. Pois bem, então nós proibimos utilizar a palavra “gasto” na Educação, era investimento. O reitor desta universidade



não gastou dinheiro quando fez essa reforma. Ele investiu recursos para formar gente com mais conhecimento para poder tornar o Brasil mais competitivo, mais importante e uma economia muito mais forte. Mas não é apenas isso que nos causava problemas e mais problemas. Também, neste país, criou-se uma concepção de que o mercado iria resolver o problema da educação, ou seja, o Estado não tinha responsabilidade, era o mercado que iria resolver. Olha, só para vocês terem ideia: o estado mais rico da federação brasileira, o estado mais poderoso, que tem quase 40% do PIB, 92% dos estudantes universitários estudam em escola paga, escola privada. Porque só o Prouni, lá em São Paulo, só o Prouni, que tem apenas cinco anos, tem 136 mil alunos em sala de aula agora, e toda a rede pública de universidades de São Paulo só tem 96 mil alunos. Todo sistema USP, Unesp e Unicamp: são 96 mil alunos. Só o Prouni já tem 136 mil.

Então, vejam, companheiros... Ora, na medida em que você estabelece como decisão de governo que a escola pública federal não é uma coisa muito importante, que é o mercado que vai resolver a questão da educação, e você não cria um programa de financiamento para permitir que as pessoas que queiram estudar só comecem a pagar depois que se formarem e começarem a ganhar dinheiro, você, então, não quer que o jovem vá para a universidade.

Bem, essa sociedade, essa sociedade dividida entre quem pode e quem não pode – e a gente já sabia, até pelo sobrenome das pessoas – está acabando no Brasil, está acabando no Brasil. Ainda, ainda falta muito, é importante lembrar, gente. Eu estou terminando o meu mandato e faço questão de contar: em [19]98, foi mandada uma lei para o Congresso Nacional, tirando do governo federal a responsabilidade pelo ensino técnico profissional. Ou seja, era o mercado que iria resolver também.

Ora, se o governo não cuida do aposentado, não cuida dos trabalhadores, não cuida das crianças, não cuida dos índios, não cuida da nossa Floresta Amazônica, não cuida das nossas águas, e ainda não quer que



ninguém estude, eu quero saber para que servia o Estado brasileiro, até então.

Possivelmente, possivelmente eu faça parte de uma geração em extinção, porque ninguém nunca me deu nada. Eu fui ganhar o meu primeiro presente de aniversário aos 17 anos, comprado por mim mesmo. Eu comprei uma bicicleta velha, que a desgraçada tinha uma corrente grande, e eu mais descia para colocar a corrente do que pedalava. Eu já estava com as canelas finas de descer da bicicleta para poder... Era muito engraçado eu andar de bicicleta, porque eu não sabia andar com uma mão só no guidão. E, aí, eu comprava sorvete de... picolé, para ir chupando, e como eu não sabia ficar com uma mão só no guidão, o sorvete ia derretendo na minha mão, assim, assim. Eu só chupava quando eu parava para colocar a corrente, que tinha saído da bicicleta.

Pois bem, como eu nunca tive moleza na minha vida, e tudo o que eu ganhei foi às custas de vencer muitos preconceitos, muitas barreiras, eu comecei a pensar como é que seria a cara do nosso governo ao deixar o nosso mandato. Vocês pensam que foi fácil a gente criar o Reuni? Vocês pensam que foi fácil? A gente apenas queria elevar a média de alunos por classe, de 12 para 18, e tinha alguns grã-fininhos que não queriam, que são os mesmos que sempre estudaram, que achavam que era demais 18 alunos por sala de aula, era demais, era demais. Entraram em várias reitorias e quebraram, quebraram, porque “Ah, eu já estou na universidade, por que eu vou querer que entre mais alguém para ocupar um espaço?” Pois bem, o Reuni, em um ano e meio, já colocou uma coisa revolucionária: nós conseguimos dobrar de 113 mil alunos, que era a renovação das universidades federais por ano, a renovação era de apenas 113 mil alunos, e já chegamos este ano a 259 mil alunos, mais do que o dobro.

Vocês pensam que foi fácil a gente criar o ProUni? Foi muita gente contra: “Onde já se viu? O governo federal vai dar dinheiro para universidade particular?”. Acontece que a realidade mostrava que tinha aluno estudando em



escola paga e que nós precisaríamos dar um jeito de ajudá-lo. O que nós fizemos e foi uma coisa inteligente que este moço fez? E ele disse que a ideia foi da mulher dele. Você pensa que é fácil um homem reconhecer quando a mulher tem mérito? Então, ele merece uma salva de palmas porque reconheceu o mérito da mulher dele.

Pois bem, como é que a gente ia fazer o Reuni, o ProUni? Nós, então, resolvemos fazer uma política de fazer um desconto, que eles já não pagavam no imposto que eles pagavam para a gente, e transformar o equivalente a um valor do imposto em bolsa de estudo. São 704 mil alunos que já passaram pelo ProUni. Eu tive o prazer de participar da primeira formatura de 440 estudantes do ProUni médicos, dos quais 40% negros que não tinham chance de estudar neste país. Pois bem, então agora... Veja, é ironia do destino: pensem em um cabra feliz, pensem em um cara que está alegre aqui. Você veja, esta cidade aqui, eu estava andando aqui, vendo os prédios que a universidade está adquirindo, porque o nosso reitor aí não é mole não. Qualquer prédio bonito que você vai na cidade, ele vai lá e vai pegando. E quando ele não tem dinheiro, ele quer que o Fernando Haddad compre, quando ele não tem dinheiro, ele quer que o prefeito dê, e agora, então, que o Tarso vai entrar é que o bicho vai pegar. Ele vai atrás. Ele já falou para mim: “Tem um terreno ali que o Tarso tem que me dá, tem outro terreno ali que o Tarso tem que me dá”. Já estava até reivindicando para o Beto Grill. O vice nem tomou posse, o Tarso nem viajou, e ele já estava reivindicando para o vice-governador.

Ora, então eu penso, companheiros e companheiras, que tem uma coisa extraordinária que está acontecendo no Brasil. Eu posso dizer para vocês com a militância política de 30 anos, como dirigente sindical, como dirigente de partido, como candidato, eu posso dizer para vocês que o Brasil vive um dos melhores momentos da sua história.

O Brasil nunca foi tão respeitado no mundo, como ele é hoje. O Brasil, hoje, quando, quando eu cheguei na Presidência o Brasil devia 30 bilhões ao



FMI. Nós pagamos os 30 bilhões, emprestamos 14 bilhões, e hoje o Brasil tem US\$ 300 bilhões de reservas neste país, para garantir o nosso crescimento.

Quando veio a crise econômica dos Estados Unidos e a crise econômica da Europa, que até hoje não se consertaram, eu disse que a crise era uma marolinha, porque eu sabia como é que estava a nossa casa. Pois bem, o nosso país, este ano, vai crescer a mais de 7%; o salário do trabalhador, faz sete anos que cresce, todo ano, acima da média; o desemprego, hoje, saiu o dado do IBGE, era 6,7[%] em agosto, caiu para 6,2[%] no Brasil, e na Grande Porto Alegre o desemprego caiu de 4,6[%] para 4,1[%]. Sabem quanto é nos Estados Unidos? Dez por cento. Sabem quanto é na Europa? Dez por cento. Sabem quanto é na Espanha? Vinte por cento. E hoje este país está vivendo essa situação.

Eu vim agora de Rio Grande, nós fomos inaugurar um dique seco. E quando Rio Grande crescer, vai crescer Pelotas, vai crescer a região toda. Nós estamos fazendo a [BR]392, que é para a gente poder interligar essas duas cidades que simbolizam esta região, para que a gente possa gerar mais empregos. Eu ouvia falar há muito tempo: “A Metade Sul acabou, está tudo desgraçado, não vai ter mais nada”. Aqueles, aqueles vendedores do apocalipse, aqueles caras que se levantam de manhã tão azedos que, se suarem, dá para fazer limonada. Ou seja, as pessoas que não acreditam porque não querem fazer. E não existe mágica, não existe nada de graça. Existe trabalho, existe seriedade, existe compromisso de fazer as coisas.

Quando eu cheguei ao governo, a Petrobras tinha decidido, em 1980, não fazer mais refinarias, porque não precisava. Está fazendo cinco, está fazendo cinco. Na Petrobras dizia, naquele tempo, pela diretoria de 2002, que nós não tínhamos competência para fazer plataforma, nem para fazer sonda. Estamos fazendo plataforma e estamos fazendo sonda neste país. Só a Petrobras vai investir, até 2014, US\$ 224 bilhões.



Então, este país, este país mudou, companheiros e companheiras, e vai mudar, e vai mudar muito mais. Porque, vejam uma coisa, imagine você, imagine você, talvez a bronca que alguns têm de mim, porque eles falam: “Esse peão, esse retirante nordestino vai para São Paulo, vai para São Paulo, vira presidente da República, ele não tem diploma universitário, o Zé Alencar não tem diploma universitário, e esse cara vai deixar a Presidência como o presidente que mais fez universidades, que mais colocou estudantes na universidade, que mais fez escolas técnicas”.

O Fernando é humilde, mas ele não diz as coisas. Não são apenas 14 universidades, são 126 extensões universitárias iguais a esta espalhadas pelo Brasil inteiro, são 126 extensões universitárias. Nós estamos fazendo em oito anos uma vez e meia o que a elite brasileira fez em um século de escolas técnicas neste país. Então, companheiros e companheiras, é importante... Nós, agora, eu espero que a gente lance a pedra fundamental, antes de eu deixar a Presidência, da Universidade Afro-brasileira, é uma universidade que vai ser feita na cidade de Redenção, no Ceará, que foi onde começou a primeira libertação dos escravos, e ali é a nossa prestação, a nossa solidariedade a tudo o que o povo africano significa na vida do povo brasileiro, na nossa formação cultural.

Já fomos a Itaipu lançar a Unila, a Universidade da América Latina, que vai ter estudantes da América Latina, professores da América Latina, currículo da América Latina, junto com brasileiros, para que a gente possa aperfeiçoar a integração da América do Sul, sobretudo porque é necessário a gente integrar todos esses países. Mais importante ainda, companheiros e companheiras, é que nós estamos dando um passo extraordinário para mudar o paradigma, porque quem vier depois de mim vai ter que fazer mais, porque...

Ah, o companheiro Fernando Haddad também não falou muito aqui da Universidade Aberta, ou seja, são 700 polos que já estão colocados neste Brasil e nós, agora, vamos estender para a África, sobretudo para os países de



língua portuguesa. Eu estou indo a Moçambique, talvez no dia 10 do mês que vem, para anunciar o primeiro polo da Universidade Aberta, aonde vai se dar aula daqui para Moçambique, com professor de Moçambique vindo para cá, brasileiro indo para lá, depois vamos fazer com Angola, com São Tomé e Príncipe, com Cabo Verde. E na hora em que der certo, a gente vai dizer para os franceses: “Por que não fazem vocês nos países de língua francesa?”. Dizer para os ingleses: “Por que não fazem nos países de língua inglesa?”.

Agora, eu queria terminar, companheiros, dizendo para vocês uma coisa. Eu queria terminar dizendo uma coisa para vocês: olhem, eu quero agradecer a cada mulher, cada homem, neste país. Porque eu passei, passei quatro anos do primeiro mandato numa situação muito complicada. Vocês sabem o que foram os primeiros quatro anos, vocês sabem o que foi a descrença, vocês sabem o que foi o ataque que nós recebemos. Ou seja, nós tínhamos consciência que tínhamos que provar que era possível. O meu grande pesadelo era provar que nós tínhamos competência para governar o país, porque eu pensava sempre assim: se um trabalhador governa o país e ele fracassa, nunca mais a gente vai ter um trabalhador eleito presidente da República neste país, nunca. Porque, fracassou, fracassou. O rico que fracassa, não tem problema, ele fracassa, fica um ano em Harvard, dois anos na Sorbonne, três anos não sei onde, ele volta, ninguém lembra de nada, ele é candidato outra vez. Mas eu, eu não tinha como fazer isso, porque ao terminar o meu mandato, eu vou voltar para o meu apartamento lá em São Bernardo do Campo, a 600 metros do Sindicato, e aquela peãozada não vai me deixar em paz. Então, eu falava: eu não posso errar, toda a minha angústia era não errar.

Hoje, ao terminar o meu mandato, eu sou agradecido à compreensão do povo brasileiro. Às vezes, o povo é exigente. Você viu que o nosso companheiro aqui, agradeceu dois minutos e reivindicou 10 minutos, porque esses bichos aprenderam a reivindicar. O Reitor foi falar um “muito obrigado”, nem terminou o “obrigado”, já estava com uma pauta de reivindicação. O



Prefeito, eu nem desci do avião, o bichinho já estava lá, com uma pauta para mim. Vocês pensam que eu acho ruim? Eu acho extraordinário que o povo seja insaciável no direito de conquistar mais coisas a cada dia. Eu acho extraordinário. Este país seria um país ruim se o povo estivesse omissivo, se o povo estivesse de cabeça baixa, como nós ficamos tantos anos. O povo está de cabeça alta, está com a autoestima elevada. O povo sabe que pode, ele sabe até onde ele quer chegar, e isso é extraordinário.

Eu fiz 72 conferências nacionais, conferência de tudo que é tipo que vocês possam imaginar. Os acertos das nossas políticas não foram porque foram da nossa cabeça, é porque a gente ouvia. A gente ouvia catador de papel, a gente ouvia todas as minorias, a gente ouvia os negros, os índios, a gente ouvia os portadores de deficiência.

Eu lembro, Fernando Haddad, quando eu fui fazer uma reunião com GLTB [LGBT]. Ou seja, o pessoal dizia: “Lula do céu, você precisa tomar cuidado. E as fotos? E se alguém te abraçar, te beijar?” Olha, eu cheguei lá, eu tive uma lição de vida, eu tive uma lição, porque os preconceituosos deveriam dizer para essa gente: “Nós temos preconceito de vocês, não paguem Imposto de Renda”. Ou: “Nós temos preconceito contra vocês, eu não quero o voto de vocês”. Mas na hora de cobrar imposto e na hora do voto, todo mundo tem o mesmo valor. Até pobre é tratado com dignidade.

Ah! Vocês estão vendo aí, na época de eleição. Ah, mas todo mundo fala mal de rico e todo mundo fala bem de pobre! Nunca vi, é um momento de ouro. Se a gente pudesse colocar pobre na Bolsa de Valores, as ações, nessa hora, estariam lá em cima. Mas, na hora, na hora em que terminam as eleições, os coitados dos pobres não são chamados para tomar café, não são chamados para almoçar, não são chamados para jantar. Ou seja, passam quatro anos sem ver o defensor dos pobres. Aí, quando chega a outra eleição, volta tudo outra vez.

Eu tenho orgulho, porque o legado que eu vou deixar neste país não é



universidade, o legado que eu vou deixar neste país não são as estradas, as ferrovias. O legado que eu vou deixar neste país é que eu posso, um dia, quando eu estiver bem velhinho, lembrar que, um belo ano do século XXI, o povo mais humilde olhava o seu Presidente e eles diziam: “Se esse cara foi Presidente, eu também posso ser presidente da República”. É esse o legado.

Então, eu... Então, meu companheiro Reitor, eu estou muito satisfeito de ver o que está sendo feito neste prédio. Meu querido Fernando Haddad, eu sou agradecido pela sua competência. Acho que a história da Educação vai ser medida antes e depois desse moço, acho. E quero, sobretudo, agradecer a compreensão do povo brasileiro. Acho que não tem país do mundo que tenha um povo tão especial quanto o povo brasileiro. Ou seja, é um povo extraordinário, e eu sou agradecido, porque eu não chegaria aonde eu cheguei se um dia vocês não acreditassem que era possível eu fazer.

Então, eu quero, gente... Muito obrigado. Eu ainda virei, eu ainda virei ao Rio Grande do Sul. Eu tenho mais dois meses, vocês sabem que dois meses demoram, agora. Eu ainda tenho muita coisa para inaugurar no Rio Grande do Sul. Eu tenho o tal do túnel da BR-101, vindo de Osório para cá, que é o túnel da perereca. Vocês sabem a história: é o túnel que parou seis meses porque encontraram uma pererecazinha, e a perereca, pararam para estudar se ela estava em extinção. E levou seis meses, e eu não consigo inaugurar o meu túnel, eu quero andar a pé e, se Deus quiser, agora em dezembro eu venho. Agora o túnel está furado, mas para iluminar tiveram que comprar um produto que não tem no Brasil, importaram, e demora para chegar. Eu vou, vou fazer uma plaquinha para a perereca. Vai ser o primeiro túnel em que haverá um agradecimento, uma homenagem do presidente da República à perereca. Porque se tem uma coisa que nós nos damos bem é com as pererecas deste país. E nós não queremos nenhuma morta, nós queremos todas vivas.

Um abraço, gente. Até outro dia, se Deus quiser.

(\$211 A)